

VISÃO DO CORREIO

Um retrocesso ambiental que precisa ser revertido

Menos de uma semana após o encerramento da COP30, quando o Brasil buscou projetar ao mundo a imagem de liderança climática e compromisso com a transição ecológica, o Congresso Nacional tratou de desmentir o discurso oficial e expor o país ao risco de um retrocesso ambiental sem precedentes. Capturado por uma aliança ruidosa entre o agronegócio predador e segmentos militantes do negacionismo climático, o Legislativo aniquilou peças essenciais da legislação de licenciamento ambiental, reinstalando um vale-tudo que ameaça biomas, populações tradicionais e cidades inteiras já vulneráveis a eventos extremos.

A derrubada dos vetos presidenciais não foi um movimento técnico, tampouco uma revisão ponderada das regras. Foi um gesto político calculado para esvaziar o papel regulador da União e transferir a estados e municípios a responsabilidade de enfrentar gigantes econômicos com poder de lobby incomparável. Essa descentralização forçada — celebrada pelos parlamentares como “modernização” — configura, na prática, a institucionalização da competição predatória entre entes federados: ganha quem flexibilizar mais, quem exigir menos, quem “não atrapalhar” o investidor. Trata-se de um convite à erosão normativa e à volta daquilo que a Constituição de 1988 tentou superar: a fragmentação do controle ambiental, subordinada a interesses locais e capturas políticas.

A proliferação de licenças especiais sintetiza o espírito do retrocesso. O licenciamento por Adesão e Compromisso (LAC), agora liberado, inclusive para empreendimentos de médio potencial poluidor, dispensa estudos fundamentais de impacto e transforma a análise técnica em ato facultativo. A consequência é óbvia: atividades que deveriam passar por rigores mínimos poderão operar com base em declarações unilaterais, abrindo brechas gigantescas para riscos geológicos, contaminação de solo e água, assoreamento de rios, desmatamento acelerado e acidentes cujas vítimas — como provado em Mariana e Brumadinho — nunca são ape-

nas “estatísticas ambientais”.

Some-se a isso a ameaça à Mata Atlântica, bioma historicamente devastado e reduzido a fragmentos, bem como ao Cerrado e à Amazônia, ameaçados por atividades primárias predatórias, como o garimpo ilegal e o desmatamento. Ao retirar da União a prerrogativa de avaliar supressões de vegetação nativa, o Congresso desmonta o único parâmetro nacional capaz de impedir que estados sucumbam a pressões locais.

No mesmo sentido, ao permitir que comunidades indígenas e quilombolas só sejam consultadas após a homologação de seus territórios — etapa que o próprio Estado frequentemente posterga por décadas —, a nova legislação rasga compromissos constitucionais e despreza o papel dos povos tradicionais como guardiões dos ecossistemas.

Nada disso surpreende quando se observa a lógica que conduziu as votações. A sessão conjunta exibiu a força de um lobby que rejeita a ciência, desacredita o consenso climático e insiste em tratar o licenciamento como burocracia inútil, apesar de décadas de pesquisas que demonstram o contrário. O negacionismo climático, definido por entidades como o Instituto Butantan, a FIA e a APS como a recusa deliberada de aceitar evidências robustas sobre o aquecimento global, ganhou expressão institucional no Parlamento. O Brasil, onde 15% da população ainda nega a mudança climática, agora vê esse negacionismo convertido em norma jurídica.

O contraste com a postura internacional do país é desconcertante. Na COP30, o governo defendeu metas ambiciosas, apresentou projetos de restauração florestal e clamou por financiamento global para proteção da Amazônia. No entanto, ao regressar de Belém, ambientalistas se depararam com uma ofensiva legislativa que dilui o Conama, fragiliza a fiscalização federal e elimina barreiras críticas à expansão desordenada de empreendimentos de impacto. Não é mera contradição: é sabotagem interna, conduzida a partir do próprio sistema político.



MARCOS PAULO LIMA
marcospaulo.df@cbtnet.com.br

Uma final para ser contemplada

Ninguém compra ingresso para o lançamento de um filme, um concerto ou peça de teatro sabendo como a história termina. Sim, em tempos de ansiedade e redes sociais, há mão de obra especializada em estragar o prazer alheio com spoilers. Existe também a turma do pensamento acelerado. O apressadinho viciado em ouvir áudios ou assistir a vídeos na maior velocidade possível para acabar logo, livrar-se. Males do nosso tempo. Estamos contemplando pouco e desfrutando menos ainda.

A final da Libertadores entre Palmeiras e Flamengo, hoje, às 18h, no Estádio Monumental, em Lima, no Peru, precisa ser apreciada em câmera lenta ou no modo slow motion como prefere a turma da língua inglesa. Não sei qual dos dois times será o primeiro brasileiro tetra continental e tenho raiva de quem sabe. Peço perdão aos oniscientes deuses da bola, mas prefiro o suspense.

Por falar em divindades, lembro-me de uma conversa com Arthur Antunes Coimbra, o Zico, maior ídolo do Flamengo, sobre as decisões recentes da Libertadores. O Galinho tem uma tese sobre a era dos jogos únicos no principal torneio da América do Sul: a perda da concentração em uma fração de segundo tem definido o campeão muito mais do que bichos, táticas, preleções e os gritos à beira do campo ou da arquibancada.

Em 2019, na primeira final única, o Flamengo virou o jogo contra o River Plate devido a um erro individual. O zagueiro e capitão Javier Pinola, um dos melhores em campo até então, errou o domínio da bola no

lançamento longo do meia Diego. Ele ajeita a bola e Gabriel Barbosa enche o pé esquerdo para estufar a rede, decretar a virada e o bicampeonato rubro-negro.

No ano seguinte, Alexi Stival, o Cuca, surta à beira do campo. O técnico do Santos atrai a atenção para si em um desentendimento com Marcos Rocha depois de tentar reter a bola para atrasar a sequência da partida, recebe cartão vermelho nos acréscimos do tempo regulamentar, distrai o time e na sequência vê o atacante Breno Lopes fazer o gol do bi do Palmeiras.


Na versão de 2021, a disputa pela Glória Eterna ficou marcada pelo erro individual de Andres Pereira. O meia era o melhor jogador do Flamengo no Estádio Centenário, em Montevideú, no Uruguai, até tropeçar na bola e tê-la roubada por Deyverson. O centroavante fez 2 x 1 e assumiu o papel de protagonista do tricampeonato do Palmeiras.

A falta grave do volante Gregore em Fausto Vera, aos 29 segundos do primeiro tempo, deixou o Botafogo com 10 jogadores e obrigou o Botafogo a se desdobrar durante o jogo inteiro com um jogador a menos para derrotar o Atlético-MG em um triunfo épico.

Piscou, dançou. Filipe Luís foi alvo de Abel Ferreira em 2021. O português conta no livro *Cabeça Fria, Coração Quente* como o português tramou o lance do gol de Raphael Veiga justamente no setor esquerdo em cima de Bruno Henrique e de Filipe Luís. Não sei qual é a armadilha do dia nem quem vai errar. Só quero curtir a final. Que seja eterna enquanto dure.

Conceição Evaristo

79 anos



“Meu texto e um lugar onde as mulheres se sentem em casa”

» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.

» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Jards Macalé

A chamada felicidade fácil revela-se responsável por tristezas profundas. Sustenta o mercado da autoajuda e dos antidepressivos, reforçando um modelo de capitalismo que adoce a humanidade com seus anseios de lucro e ganância. A proliferação de super-heróis tem nos afastado da sensibilidade, impondo a cartilha do poder em lugar da filosofia do saber. Estamos carentes de alegrias difíceis — aquelas que exigem profundidade e coragem. São elas que se revelam no ápice da poesia, onde o sentido da vida se torna mais intenso e verdadeiro. E, desafinando cores em tempos sombrios, Jards Macalé (1943–2025) seguirá sendo o meu professor predileto de Rebeldia, Subversão e Criatividade. Em parceria com Capinan, Jards Macalé discorre musicalmente sobre equilíbrio e saúde, revelando também os riscos de preservá-los: “Só vou comer agora da farinha do desejo./Alimentar minha fome/Pra que nunca mais me esqueça/Hum... Como é forte o gosto da farinha do desprezo/Só vou comer agora da farinha do desejo” (Farinha do desprezo, 1972).

» **Marcos Fabrício**
Asa Norte

Liberdade de expressão

A liberdade de expressão é um direito de suprema importância para que a sociedade possa conhecer e se defender de possíveis arbitrariedades cometidas pelo poder público. É condição primordial para que o Estado seja caracterizado legitimamente democrático. Temos na liberdade de expressão a luta do homem em busca do seu próprio espaço. É a possibilidade de manifestar o que seu íntimo exprime. Na liberdade de imprensa (hummm?), estabelece-se um ambiente no qual, sem censura e medo, várias opiniões e ideologias(hummm?) podem ser manifestadas e contrapostas, ensejando um processo de formação do pensamento. Um povo só consegue lutar pelos seus direitos se os conhece. Por isso, nos dizeres de Rui Barbosa, “a palavra aborrece tantos os Estados arbitrários, porque a palavra é o

instrumento irresistível da conquista da liberdade. Deixa-a livre, onde quer que seja, e o despotismo está morto”. Feliz do povo que pode se expressar e usufruir desse direito fundamental. Será que hoje temos esse direito? Infelizmente, temos alguns assentos nas circunscrições da Justiça que impedem que a verdade seja revelada. Cercear a liberdade de expressão é colocar um cadeado no portão da democracia!

» **Renato Mendes Prestes**
Águas Claras

Crise climática

Segundo a pesquisa “Vulnerabilidade e resiliência climática no Brasil: Um olhar territorial para a ação adaptativa”, alguns municípios brasileiros parecem ter descoberto um segredo que, aparentemente, muitos administradores ainda não conseguiram encontrar nem com mapa, bússola e lanterna: como se preparar para as mudanças climáticas. Lugares como Sobral (CE), Chapécó (SC), Lucas do Rio Verde (MT), Vitória (ES) e Piracicaba (SP) dão um show com políticas públicas decentes, acesso consistente à água potável, agricultura organizada e instituições que funcionam — sim, isso existe. Essas cidades fazem exatamente o que a pesquisa destaca: fortalecem sua capacidade adaptativa, diversificam a renda rural, mantêm a população minimamente protegida e, pasme, até respondem aos problemas antes que eles virem tragédia. Coisa de outro mundo, né? Enquanto isso, muitos administradores Brasil afora seguem firmes em sua tradição: ignorar dados, fingir que clima é “modinha” e tratar eventos extremos como se fossem azar do destino. É quase poético — se não fosse trágico. A ciência entrega indicadores, estratégias, metodologias prontinhas... E eles seguem como se estivessem esperando uma revelação divina para agir. Pena que enchente e seca não esperam. Mas enfim, parabéns aos municípios que decidiram viver no século 21. Aos outros, boa sorte — vão precisar.

» **Gregório José**
Corumbá (MS)

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

A mulher que sofre violência perde oportunidades de viver plenamente. Tal situação impacta o trabalho e os estudos, destruindo sonhos, corpos e mentes.

Pacelli M. Zahler — Sudoeste

Se for conceder prisão domiciliar para quem alega problema de saúde física ou mental no sistema prisional não fica ninguém atrás das grades.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Os torpedos lançados pelo Congresso contra o governo de Lula só têm afetado os brasileiros. Para os parlamentares quanto mais miséria e sofrimento tanto melhor para conquistar votos e garantir poder.

Elza Mendonça — Águas Claras

O IBGE divulgou que a expectativa de vida do brasileiro aumentou para 76,6 anos. Acho que isso não é muito bom, diante da classe política que trabalha contra a sociedade.

Almir Vasconcelos — Brasília

Países ricos e industrializados procuram países em crescimento e com lideranças corruptas para impor regras de desenvolvimento para não ter concorrência nunca.

Edson Maia — Brasília

O café especial é ótimo. O problema é seu preço. Pagar R\$ 120 por quilo de café não é para todo mundo. É mais um luxo do que uma necessidade.

Lucas Melo — Brasília

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO

Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés

Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux

Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br